

Do presencial ao digital: um diálogo com o gênero videoaula youtubiano de escrita científica

From presential to digital: A dialogue with the youtubian video lesson genre of scientific writing

Simone Cristina Mussio¹

RESUMO

Através de videoaulas youtubianas de escrita científica, este trabalho, ancorado em uma análise dialógica do discurso, tenciona demonstrar como a reconstrução da aula, com a ajuda da tecnologia, garante o lugar de diferentes práticas discursivas na internet, segundo a interação de diferentes esferas. Como infindáveis gêneros discursivos invadem as linguagens da comunicação, por meio de modernas mediações tecnológicas, levando-nos a caminhos outros e realocando nosso modo de “ler videologicamente”, o suporte também se posiciona como elemento fundamental desta análise, já que a utilização de videoaulas youtubianas, como forma de ensino e divulgação, é decorrência dos novos modos de difusão do conhecimento na contemporaneidade.

Palavras-chave: videoaula youtubiana, hipervídeo, suporte, dialogismo, gêneros do discurso.

ABSTRACT

Through youtubian video lessons of scientific writing, this study, which is anchored in a dialogical discourse analysis, intends to demonstrate how the reconstruction of the class, with the help of technology, ensures the place of different discursive practices on the Internet, according to the interaction of different spheres. As endless speech genres invade the languages of communication through modern technological mediations, leading us to other paths and reallocating our way to “read videologically”, support also is positioned as a key element of this analysis, whereas the use of youtubian video lessons as a means of teaching and dissemination is a result of new ways of spreading knowledge in contemporary society.

Keywords: youtubian video lesson, hypervideo, support, dialogism, speech genres.

Introdução

Estando a Internet a auxiliar fortemente uma total mudança nas práticas comunicativas e, consequentemente, educacionais, é ponto de convergência que as

videoaulas podem ser definidas como uma modalidade que prevê educador (“professor-apresentador”) e educando (“aluno-usuário”) desenvolvendo um processo de ensino-aprendizagem, separados, física e espacialmente, e mediados por uma interface baseada em tecnologias de comunicação. Assim, percebe-se que, por definição, tais características de aulas são diferentes do modelo tradicio-

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Estadual Paulista de Araraquara. Docente titular na Faculdade de Tecnologia de Jahu. Rua Frei Galvão, s/n, Jardim Pedro Ometto, 17212-650, Jaú, SP, Brasil. E-mail: simussio@yahoo.com.br

nal de educação presencial, de modo que as relações entre os sujeitos envolvidos também devem ser consideradas de acordo com as suas características específicas.

Atentando-nos para a constituição do gênero discursivo videoaula youtubiana², nossa meta, neste trabalho, é observar as negociações de sentido presentes nesse tipo de produção audiovisual, de modo a perceber como a formação de tais aulas reflete e refrata, a partir de enunciados concretos (verbais e não verbais) imanentes nos próprios vídeos, traços de um fazer instrutivo-educacional atrelados a um contexto tecnológico.

Nesse sentido, buscamos mostrar como tal gênero se perfaz através de um *continuum* tipológico discursivo, marcado por distintos graus de “primariedade” e “secundariedade”, segundo uma releitura de Bakhtin (1997), ao discursar sobre a caracterização de gêneros primários e secundários. Com a autonomia para criar o próprio caminho de leitura, as videoaulas youtubianas também permitem a utilização do “hipervídeo youtubiano”³, o qual dá a possibilidade e a habilidade de se criar experiências de leituras não lineares a partir desse tipo de mídia, de modo a definir percursos e conteúdos outros a serem explorados em decorrência do suporte ao qual estão veiculadas.

Uma vez que todo enunciado é dialógico (e ideológico) por natureza, a relação discursiva, na qual os enunciados tomam forma para a composição das videoaulas, se divide em dois momentos: “a enunciação, que é o ato do locutor; a compreensão do enunciado pelo ouvinte, a qual já contém em si elementos de resposta” (Voloshinov, 1981 [1930], p. 43). E é justamente esse tipo de visão que nos permite uma nova leitura, principalmente no que concerne às tecnologias digitais e a toda reconstrução social pela qual passamos neste século. Tais mudanças podem ser vistas não só como progresso técnico, mas aludem a todas as transformações das formas de comunicação da sociedade atual. Não estamos somente adquirindo conhecimento por meio de computadores e aulas digitais, estamos mudando nossa maneira de interagir com o mundo e,

principalmente, de dialogar. Assim, ao unirmos os estudos bakhtinianos do discurso aos estudos comunicacionais, estamos interessados em compreender como os elementos culturais têm contribuído para o desenvolvimento de uma nova forma de dialogar, não só com o outro⁴, mas com o mundo à nossa volta.

Teorizando com Bakhtin: uma questão de gêneros e de esfera

Segundo o Círculo bakhtiniano, nós só nos comunicamos, falamos e escrevemos através de gêneros do discurso. Logo, para a realização deste artigo, pautamo-nos nas injunções do princípio da dialogicidade inerente à linguagem, cujos gêneros funcionam como formas-padrão relativamente estáveis de um enunciado, determinadas sócio-historicamente. É analisando, dialogicamente, os discursos que nos rodeiam, que é relevante notar a importância do estudo dos gêneros discursivos, proposto por Bakhtin e seu Círculo, já que os diversos matizes adquiridos por eles estão vinculados ao contexto em que são analisados.

Fazendo alusão à gênese dos gêneros, esta é vista em povos de cultura oral. Com a invenção da escrita alfabética (século VII a.C.), os gêneros se multiplicaram. A partir do século XV, os gêneros alcançaram grandes proporções, com o advento da imprensa. Todavia, na atualidade, a tecnologia propiciou o aparecimento de novos gêneros, tanto da oralidade como da escrita, integrando-se à comunidade e caracterizando-se por seus diversos propósitos comunicativos.

A dinamicidade do meio, por interferência ou contaminação, modifica tanto as formas de relações humanas

² Este trabalho, apesar de referir-se a videoaulas youtubianas de maneira geral, teve como foco as videoaulas de escrita científica, a partir do curso “Escrita Científica: produção de artigos de alto impacto”, divulgado no *site* de compartilhamento de vídeos do *YouTube*.

³ Este termo foi criado por nós para nos referirmos aos direcionamentos dados aos vídeos no *YouTube* como forma de promover diferentes diálogos entre os vídeos selecionados durante uma determinada busca de pesquisa. Como se trata de um ensino informal – em razão de tais aulas situarem-se no *YouTube* –, a presença de tais *hiperlinks* possibilita o suscitar de distintas possibilidades de leitura no elenar dos vídeos pelo referido *site*.

⁴ Segundo Todorov (2010), apesar de a teoria bakhtiniana tratar o “outro” através de várias instâncias: o outro indivíduo, o *Outro* do inconsciente (construção psíquica do indivíduo) e o *outro* como um grupo social concreto ao qual pertencemos, neste trabalho, buscamos referir-nos a tal termo com o propósito de enfatizar a dimensão necessariamente dialógica, alteritária e polifônica da produção de discursos, tendo como base o interlocutor (ou interlocutores) ao qual um enunciado é destinado.

quanto as formas de representar o mundo através das diferentes linguagens – sonoras e visuais – que, numa grande variedade de textos, frequentemente, co-ocorrem e interagem (Pinheiro, 2002, p. 262).

Vemos, assim, como o meio propicia o surgimento de distintos gêneros e consolida a importância dada às esferas de atividades, uma vez que o estudo dos gêneros discursivos considera, sobretudo, “a natureza do enunciado” em sua diversidade e nos diferentes campos de atividade comunicacional.

A totalidade artística de qualquer tipo, isto é, de qualquer gênero, orienta-se na realidade de forma dupla, e as particularidades dessa dupla orientação determinam o tipo dessa totalidade, isto é, seu gênero. Em primeiro lugar, a obra se orienta para os ouvintes e os receptores, e para determinadas condições de realização e percepção. Em segundo lugar, a obra está orientada na vida, como se diz, de dentro, por meio de seu conteúdo temático. A seu modo, cada gênero está tematicamente para a vida, para seus acontecimentos, problemas, e assim por diante. [...] Cada gênero é capaz de dominar somente determinados aspectos da realidade, ele possui princípios de seleção, determinadas formas de visão e de compreensão dessa realidade, certos graus na extensão de sua apreensão e na profundidade de penetração nela (Medviédév, 2012, p. 195-196).

É válido lembrar que o gênero nunca é em si mesmo, por essa razão, não pode ser abstraído da esfera que o cria e usa, como também de suas coordenadas de tempo-espço e das relações entre os interlocutores. Grillo (2010) ressalta que as esferas estão ligadas ao destinatário, e há destinatários presumidos para cada gênero, além de formas de atividades responsivas que são ligadas à determinada esfera; assim, afirma:

A interação se dá entre indivíduos organizados socialmente, o que coloca em jogo condições sócio-históricas de duas ordens. Primeira, a situação social mais imediata, cujos componentes, descritos em trabalho anterior, são o horizonte social comum aos coenunciadores (unidade do lugar visível), o conhecimento e a compreensão da situação, compartilhados pelos coenunciadores, e a avaliação que eles fazem dessa situação. Segunda, o meio social mais amplo, definido, por um lado, pelas especificidades de cada esfera de produção ideológica (ciência, literatura,

jornalismo, religião, etc.) e, por outro, por um certo “horizonte social” de temas recorrentes, em razão da onipresença social da linguagem verbal e da relação que as esferas ideológicas estabelecem com a ideologia do cotidiano (Grillo, 2010, p. 138).

Ancorada nos postulados bakhtinianos, a autora ainda acrescenta o fato de que, por meio do “horizonte ideológico de cada época, há um centro valorativo em direção ao qual todos os caminhos e aspirações da atividade ideológica levam” (Bakhtin in Grillo, 2010, p. 138). Dessa maneira, os gêneros sofrem alterações em decorrência do momento histórico ao qual estão inseridos. Cada situação social engendra um gênero, com suas características que lhe são peculiares. Ao observarmos a infinidade de situações comunicativas e que cada uma delas só é possível graças à utilização da língua, podemos perceber que infinitos também serão os gêneros, existindo em número ilimitado. Por isso, o Círculo cinge a formação de novos gêneros ao aparecimento de novas esferas de atividade humana, com finalidades discursivas próprias.

De acordo com a teoria na qual nos debruçamos, cada esfera social detém diversos textos segundo as atividades da comunicação humana. Logo, ao circularmos pelas diferentes esferas sociais das atividades humanas, lançamos mão de inúmeros gêneros do discurso, os quais promovem a prática social daqueles que estão nelas envolvidos como meio de legitimação das relações sociais. Vê-se, assim, que o ser humano, seja em qualquer uma de suas atividades, usufrui da língua e, segundo o interesse, intencionalidade e finalidade específica de cada atividade, realiza enunciados linguísticos de maneiras diversas.

Com relação às esferas de atividade humana (esferas sociais de comunicação ou também chamadas esferas comunicativas), estas são heterogêneas, e cada uma delas possibilita condições comunicativas específicas para o atendimento das necessidades do ser humano de expressar-se. Entretanto, cabe lembrar que as esferas referidas caracterizam-se como formas de organização e distribuição dos diversos papéis e lugares sociais presentes nas situações e instituições em que se elaboram os discursos. Desse modo, as condições comunicativas das esferas sociais (acadêmica, ideológica, oficial, cotidiana, científica, etc.) propiciam seus “tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, 1997, p. 279), denominados, assim, gêneros do discurso ou discursivos, os quais materializam a língua, a qual está vinculada à vida. Logo, os gêneros situam-se entre a língua e a vida.

Os gêneros dos discursos fazem-se então presentes em todos os atos comunicativos realizados por meio da fala ou escrita e a utilização da língua se dá através de enunciados pertencentes a uma esfera da atividade humana, refletindo os objetivos comunicativos dessas esferas, sendo os gêneros elaborados de acordo com as formas como os enunciados são utilizados. Estando os gêneros no dia a dia dos sujeitos falantes, os quais detêm um infindável repertório de gêneros, podemos observar que até nos discursos mais informais, por exemplo, o discurso sempre é moldado pelos gêneros, os quais podem sofrer modificações de acordo com a finalidade a que foram utilizados.

Em razão do desenvolvimento das sociedades e da influência de outras culturas, ou mesmo diante de tantos outros fatores com que a língua possui relação direta, como o próprio passar do tempo, de épocas e costumes, podemos observar como as mudanças históricas dos estilos da língua são indissociáveis das mudanças que se efetuam nos gêneros do discurso. Por esse motivo, os enunciados e o tipo a que pertencem, ou seja, os gêneros do discurso, são meios de transmissão que levam a história da sociedade à história da língua, sendo as alterações presentes nos gêneros inevitáveis, pois, como estes estão relacionados às práticas sociais, quaisquer mudanças na vida social implicam mudanças nos gêneros.

Nesse sentido, é fundamental perceber o gênero como um produto social e, como tal, desuniforme, variado e suscetível a mudanças. Dotado de uma imensa heterogeneidade, cada esfera de atividade humana o produz de acordo com as suas necessidades. Sem menosprezar qualquer variedade de gêneros, Bakhtin (1997) os caracteriza em primários e secundários. Os primeiros são, pois, classificados como enunciados utilizados na vida cotidiana, sugerindo, desse modo, uma comunicação, coloquial e imediata, a qual Rodrigues (2005, p. 169) chama “ideologia do cotidiano (as ideologias não formalizadas e sistematizadas)”, como as vistas em um bilhete, piada ou em um bate-papo, por exemplo. Já os gêneros secundários, normalmente surgem em situações comunicativas complexas, considerando culturas com linguagens mais elaboradas, como os textos jurídicos, jornalísticos, religiosos, científicos, etc. Assim, através das palavras de Bakhtin (1997), percebemos que os gêneros se ressignificam para se amoldarem aos novos tempos e situações e, por existirem novos propósitos, ampliam-se à medida que a esfera vai se tornando mais complexa.

Podemos observar que, se cada indivíduo enuncia a partir de uma dada esfera de atividade, o seu discurso será

demarcado por esta esfera, ou seja, o discurso proferido estará em conformidade com as pretensões e finalidades específicas desse meio, logo, a variedade dos gêneros é infinita. Cabe lembrar que a constituição de um gênero ocorre em um determinado tempo e espaço, de forma que as mudanças sempre ocorrerão, pois as esferas alteram-se para cada contexto sócio-histórico. Dessa forma, podemos dizer que os gêneros são meios para entender o mundo atual e, uma vez que estão ligados à realidade, é por meio deles que podemos observar a disseminação dos discursos e da própria ideologia.

Ao pautarmos nossas reflexões nos estudos sobre os gêneros, não poderíamos deixar de nos debruçar nos escritos de Grillo (2010), com o propósito de buscarmos uma referência para o entendimento da ideia de esfera, presente nos estudos do Círculo de Bakhtin. No seu artigo denominado “Esfera e Campo”, encontramos as seguintes reflexões:

[...] a noção de esfera da comunicação discursiva (ou da criatividade ideológica, ou da atividade humana, ou da comunicação social, ou da utilização da língua, ou simplesmente da ideologia) é compreendida como um nível específico de coerções que, sem desconsiderar a influência da instância socioeconômica, constitui as produções ideológicas, segundo a lógica particular de cada esfera/campo.

[...] a noção de esfera permeia a caracterização do enunciado e dos seus tipos estáveis, os gêneros, no que diz respeito ao seu tema, à sua relação com os elos precedentes (enunciados anteriores) e com os elos subsequentes (a atitude responsiva dos coenunciadores) (Grillo, 2010, p. 143-146).

A noção de campo ou esfera é ainda vista por Grillo (2010) como um espaço de refração que condiciona a relação enunciado/objeto, enunciado/enunciado, enunciado/coenunciadores. Esta noção aqui mencionada de esfera ou campo perpassa toda a obra do Círculo de Bakhtin e exhibe as especificidades das produções ideológicas com o objetivo de compreender a pluralidade das produções humanísticas.

Podemos perceber que as esferas de atividade humana, sobrevividas do enunciado concreto, fazem emergir diferentes composições, refletidas e refratadas em três elementos composicionais: o conteúdo temático (assunto), a construção composicional (estrutura formal), que se unem na formação do enunciado concreto e são específicos da esfera de onde são gerados, e o estilo

(forma individual de escrever; vocabulário, composição frasal e gramatical).

O conteúdo temático relaciona-se com a finalidade de dado gênero. Já a construção composicional é o modo como se organiza um texto, como este é estruturado. E o estilo alude à seleção dos recursos linguísticos para a elaboração do texto. O estilo é parte do componente composicional, estabelece relação com o enunciado e, como o enunciado é individual, reflete a individualidade de cada falante ou escritor. Assim, tais características estão plenamente interligadas entre si e são definidas em função das particularidades de cada esfera de comunicação, principalmente em virtude da sua construção composicional.

Com o desenvolvimento social e tecnológico, os gêneros do discurso, originados a partir de tais elementos já descritos, se desenvolveram e conquistaram mais espaço no cotidiano das pessoas. Conhecê-los e empregá-los eficientemente no processo comunicativo é de suma importância para o crescimento social e intelectual dos sujeitos, uma vez que não podemos produzir nada linguisticamente se não for através de algum gênero discursivo.

Levando em considerações os postulados bakhtinianos já descritos, entendemos a questão da videoaula youtubiana como sendo uma ressignificação do conceito aula em vistas do avanço tecnológico instaurado hodiernamente. De acordo com essa teoria, os enunciados – organizados e agrupados – são usados em toda e qualquer atividade humana, sendo essas atividades caracterizadas por condições especiais de atuação e por objetivos específicos comumente associados a elas.

Uma vez que a diversidade de gêneros varia conforme as circunstâncias, o nível social e o relacionamento entre os sujeitos devem ser também levados em conta. Como o sujeito sempre faz uma escolha por um determinado gênero, essa escolha é determinada em função da comunicação verbal que se pretende estabelecer, tendo como referência o seu intuito discursivo e a própria constituição dos seus interlocutores.

Segundo Bakhtin (1997), não há limites para os gêneros, pois eles estão diretamente relacionados com as múltiplas atividades da vida social. Nesse sentido, os gêneros desenvolvem-se em proporção ao desenvolvimento das práticas humanas. Para clarear melhor essa asserção, podemos citar como exemplo o caso do *e-mail* (correio eletrônico) como uma forma de comunicação quimérica há algumas décadas. Porém, em razão do desenvolvimento científico e tecnológico, este foi introduzido no cotidiano das pessoas e, em algumas situações, seu uso, hoje, tornou-se imprescindível.

Como cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve, as videoaulas surgem devido às complexidades e particularidades do mundo atual. Em razão dos gêneros emergirem juntamente com as necessidades e atividades socioculturais, por meio das evoluções tecnológicas, podemos asseverar que o desenvolvimento tecnológico ampliou e desenvolveu os gêneros (orais e escritos) de forma significativa. Assim, na contemporaneidade, vivemos em uma época dominada pela “cultura eletrônica” (rádio, telefone, televisão, computador e, especialmente, a internet), o que nos conduz a novas formas discursivas, como: teleconferências, videoconferências, *chats*, videoaulas, etc.

Como Bakhtin discursa que um gênero contém o outro, ressignificando-se, os novos gêneros criados, como, por exemplo, as videoaulas, não são criações inéditas, visto que se construíram a partir de outros gêneros já existentes. Isso nos remete à concepção bakhtiniana sobre a “transmutação” dos gêneros e à absorção de determinado gênero a partir do surgimento de novos, remodelados a partir das funcionalidades de gêneros antigos.

Como os gêneros do discurso são extremamente heterogêneos, suscitando, muitas vezes, dificuldades para definir o “caráter genérico do enunciado”, retomamos a questão primária e secundária dos gêneros, sugerida por Bakhtin, para, assim, refletirmos como no decorrer do processo da formação dos gêneros secundários, estes absorvem e transmutam os gêneros primários, que se compuseram em circunstâncias de uma comunicação verbal cotidiana.

De acordo com o que já foi exposto anteriormente, como o gênero do discurso secundário está atrelado a comunicações culturais consideradas mais complexas, a aula expositiva é, pois, um gênero secundário, uma vez que é o resultado de realizações linguísticas concretas que estão embasadas no estudo científico e seguem um roteiro estabelecido anteriormente pelo professor que a ministra, apesar de estar fundamentada no gênero primário e de, muitas vezes, esse gênero tornar-se evidente em sala de aula.

Cabe, todavia, ressaltar que o gênero é secundário não apenas devido às relações de interação do momento. Ele é secundário, também, tendo em vista questões históricas mais amplas, questões essas que aludem à forma de sua própria circulação. Tem, pois, um lugar na história, além de exigir um trabalho, um refinamento. Fazendo menção às videoaulas, podemos notar como esse é um gênero que permanece, uma vez

que está inserido em plataformas digitais de vídeos, como é o caso do *YouTube*. Passa, desse modo, por tecnologias e agrega vários outros gêneros, pois, devido às suas especificidades, tem um acabamento diferente.

É, pois, um discurso que, para funcionar, necessita de alguns canais para aparecer. É diluído por questões bem mais amplas do que apenas uma interação face a face que identifica o primário e o secundário. Dialoga com um contexto histórico que define esse tipo de dizer, através de injunções que asseveram aquilo que é necessário dizer. Por meio de acabamentos específicos, é produzido através da relação com a escrita, bem como embebido por formas organizadas de circulação, de forma a propiciar a permanência do enunciado.

Assim como a literatura e a ciência, por exemplo, precisam de uma forma organizada para circular, a aula, oral e presencial, também carece dessa organização. Nesse sentido, a videoaula, haja vista todos os aspectos já descritos, suscita uma complexidade maior ao se ater à classificação dos gêneros. É difícil encontrar um lugar para precisar o momento em que o gênero primário se transforma em secundário. Há muitas inflexões nesse trajeto. Logo, talvez seja melhor pensar em um *continuum*⁵, entre a oralidade e a escrita, como discursa Marcuschi (2001). Analisar dicotomicamente torna-se uma prática inexistente, uma vez que há distintas variáveis nesse percurso. O próprio cumprimento de “bom dia”, tido como um gênero primário, pois atua como um gesto de educação e civilidade, dentro do “gênero secundário videoaula”, passa a integrar a abertura de uma aula. Destarte, em vez de pensarmos de maneira antitética, seria interessante refletirmos graus de “primariedade” presentes na “secundariedade” de determinados gêneros. Entre o cotidiano e o absolutamente formal e científico, há a presença de cambiáveis situações.

Como este gênero a ser analisado pode ocorrer em plataformas de vídeos gratuitos inseridos na internet, como é o caso do *YouTube*, ressignificando o conceito de aula e transformando-se em videoaula, novas formas de ensino e de produção de sentidos passam a ser consideradas. Logo, os gêneros também são modificados.

Considerando a importância que o sistema educacional deveria ocupar na sociedade, o estudo sobre os

gêneros, neste caso, a aula expositiva em forma de videoaula, é fundamental para uma melhor compreensão das novas formas de difusão de conhecimento originadas pelos avanços da tecnologia.

Desse modo, como muitos gêneros encontrados hoje são adaptações de outros gêneros pré-existentes, além de Bakhtin discursar sobre a transmutação dos gêneros e a assimilação de um gênero por outro, gerando novos, Todorov (1980), ao procurar definir a origem dos gêneros, diz que

um novo gênero é sempre a transformação de um ou de vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação. Um “texto” de hoje (também isso é um gênero num de seus sentidos) deve tanto à “poesia” quanto ao “romance” do século XIX, do mesmo modo que a “comédia lacrimante” combinava elementos da comédia e da tragédia do século precedente. Nunca houve literatura sem gêneros, é um sistema em contínua transformação e a questão das origens não pode abandonar, historicamente, o terreno dos próprios gêneros: no tempo, nada há de anterior aos gêneros (Todorov, 1980, p. 46).

Para uma exemplificação dessa transformação, voltamos ao exemplo do *e-mail*, visto anteriormente, mas através de um novo viés. Por meio de uma hibridização de cartas pessoais, comerciais, bilhetes, pautados em uma identidade própria, vinculada às condições tecnológicas de sua produção e a uma comunidade discursiva que faz uso dele, a linguagem desse gênero, como de outros novos gêneros, incluindo aqui as videoaulas, de maneira geral, está cada vez mais maleável, o que faz com que alguns deles (*e-mails*) sejam determinados pelo próprio ambiente em que aparecem e criem formas comunicativas, agrupando os vários tipos de semioses (signos verbais, sons, imagens e formas em movimento).

Tais gêneros aparentemente estáveis estão em um processo de transformação contínua, uma vez que os gêneros existentes mudam a partir de modificações na situação social na qual exercem uma função ou novos gêneros podem surgir a partir de transfor-

⁵ Na década de 1980, Marcuschi (2001) traz à tona a noção de *continuum*, sugerido por Biber (1988), com o objetivo de abordar novas perspectivas entre fala e escrita, mostrando ser possível observar mais semelhanças que diferenças entre tais modalidades. Logo, essas semelhanças são evidenciadas quando os resultados dessas modalidades são organizados em um *continuum tipológico*, de modo a se notar distintos gêneros tipográficos da oralidade que se aproximam a gêneros tipográficos da escrita, bem como vários gêneros da escrita que se assemelham aos da oralidade. Por outro lado, há inúmeros tipos de cada uma das modalidades que se distanciam dos seus respectivos protótipos, tendo como ponto em comum apenas o fato de ser do gênero oral ou do escrito.

mações ostensivas daqueles já existentes (Pagano, 2001, p. 87).

Sendo assim, um diálogo familiar inserido em uma propaganda não é mais um diálogo, mas parte de uma propaganda. Portanto, o gênero discursivo a ser analisado neste trabalho (videoaulas sobre escrita científica) poderia, nos termos bakhtinianos, ser classificado como “gênero secundário”, que abarca níveis de “primariedade” e “secundariedade”, uma vez que engloba diferentes linguagens e se insere em diferentes contextos e situações discursivas.

O fato de as videoaulas serem gravadas dá a possibilidade de edições, regravações, etc. Somado a isso, também o uso de roteiros e esquematizações para a apresentação das aulas faz com que elas se concentrem em menos momentos espontâneos e em mais situações construídas, se comparadas a uma aula expositiva presencial, por exemplo. Momentos em que o “professor-apresentador” tece seus cumprimentos e despedidas nas aulas, tidos como acontecimentos espontâneos, simples, logo, primários, ao integrarem diversas videoaulas, transformam-se em formas estanques, pré-concebidas de um modo de enunciar. Se observarmos as falas retiradas das três primeiras videoaulas do curso “Escrita Científica: Produção de Artigos de Alto Impacto”, compreenderemos possíveis graus de “primariedade” e “secundariedade” a que nos referimos. Vejamos os excertos retirados das videoaulas pertencentes ao módulo um, dois e três, respectivamente, do referido curso.

Excerto 1

Olá, sejam muito bem-vindos. Esse é o nosso curso de escrita científica, produção de artigos de alto impacto [...] Muito bem. Muito obrigado então pela audiência e até a próxima. Até já.

Excerto 2

Olá, sejam muito bem-vindos. Esse é o segundo módulo do curso em escrita científica, produção de artigos de alto impacto [...] Essa foi a nossa segunda videoaula, nosso segundo módulo, lembrando que esse é um curso que tem oito módulos, e eu espero vocês pra nossa próxima videoaula. Muito obrigado.

Excerto 3

Olá a todos, sejam muito bem-vindos ao nosso curso de escrita científica, produção de artigos de alto impacto. Como vocês já nos acompanham desde a primeira video-

aula... [...] A gente termina por aqui esse terceiro módulo, eu agradeço a audiência de vocês e eu espero encontrá-los aí, no nosso próximo módulo, na nossa próxima videoaula. Muito obrigado.

Os Excertos 1-3, correspondentes aos cumprimentos e às despedidas nas videoaulas, se analisados individualmente, podem ser tidos como representações simples do dia a dia (pertencentes ao gênero primário), que, ao serem incorporadas ao gênero videoaula, representante do gênero secundário, podem abarcar graus de “primariedade” dentro desse gênero mais complexo. No entanto, se analisarmos a totalidade dos enunciados recém expostos, na sua inter-relação, vemos como os cumprimentos e as despedidas de cada aula, na verdade, fazem parte de um roteiro já pré-concebido, pois, além de assemelharem-se com relação ao que está sendo dito, ainda trazem expressões, como em Excerto 1: “... esse é o segundo módulo do curso em escrita científica, produção de artigos de alto impacto”, Excerto 2: “Essa foi a nossa segunda videoaula...”, Excerto 3: “...como vocês já nos acompanham desde a primeira videoaula”, que fazem remissão a enunciados já proferidos, ou seja, a videoaulas já visualizadas. Logo, o que podemos perceber é que tais enunciados, anteriormente pertencentes aos gêneros primários, quando associados entre si, seguindo um *script* estabelecido, moldam-se por uma determinada complexidade, promovendo possíveis níveis de “secundariedade” dentro do próprio gênero.

Ao considerar o enunciado como um produto da interação verbal, em que as palavras são definidas a partir das trocas sociais dos membros de cada grupo ou esfera social, Bakhtin contribui para os estudos dos gêneros do discurso, haja vista que, para ele, a diversidade de atividades sociais leva a uma diversidade de produções de linguagem. Entretanto, Bakhtin enfatiza, ainda, que os gêneros têm sua relativa estabilidade ameaçada constantemente por forças que atuam sobre as coerções genéricas. Tais forças, por outro lado, garantem a estabilidade do sistema, possibilitando as relações de comunicação entre os membros dos grupos sociais e a variabilidade das formas textuais com inovações de estilos pelos membros do grupo social (Araújo, 2002, p. 146).

Fazendo menção às videoaulas de escrita científica inseridas na internet, podemos notar como o próprio gênero videoaula se altera tendo em vista sua inserção em plataformas distintas. Em razão de cada videoaula objetivar uma finalidade específica, por meio da extensa diversidade das atividades sociais, as videoaulas

de Ensino à Distância (EaD), por exemplo, cumprem o seu papel de ensinar à distância; já as de “Ensino Informal a Distância”⁶ (“EIaD”), inseridas na internet, institucionalizadas ou advindas de enunciadores anônimos por meio da “cultura participativa”⁷, podem, no entanto, além de propiciar um ensino virtual, assumir um papel comercial ou mesmo promover a visibilidade dos enunciadores na esfera midiática.

Segundo os postulados do Círculo, enquanto conjunto de traços marcados pela regularidade, pela repetibilidade, o gênero é relativamente estável, mas essa estabilidade vista, por exemplo, ao se discursar sobre a composição de videoaulas inseridas na internet, é constantemente ameaçada por forças que atuam sobre as restrições genéricas, forças de caráter social, cultural e individual (estilísticas) que determinam as mudanças em um gênero, o seu apagamento ou mesmo sua revivência.

E é essa tensão entre estabilidade *versus* variabilidade que marca de maneira específica os diferentes gêneros, propiciando suas transmutações. Dentre as forças que atuam como elemento desestabilizador, pode-se observar a necessidade de expressividade do enunciador (no caso das videoaulas, do “professor-apresentador”) frente ao objeto de seu discurso e de seu interlocutor. Necessidade esta posta não só por um querer-dizer do locutor, mas pelas injunções do princípio da dialogicidade inerente à linguagem, pela questão da alteridade e das finalidades inseridas no processo enunciativo. É considerando a esfera de atividade, o objeto do discurso, bem como o interlocutor envolvido, que o enunciador elege o gênero adequado, a forma de abordar o objeto, os recursos linguísticos, imprimindo sua tonalidade apreciativa. É, portanto, nesse espaço, que ele pode também fazer surdir seu estilo de forma a tornar-se sua a palavra alheia.

Gêneros digitais: o caso das videoaulas youtubianas

Como o objeto deste estudo retrata a divulgação de videoaulas, inseridas em ambiente *web*, tendo, neste caso, o *site* do *YouTube* como instrumento divulgador de tais informações, buscaremos iniciar as análises observando como a reconstrução da aula, com a ajuda da tecnologia, confere o lugar de diferentes práticas discursivas, através da interação de diferentes esferas.

Nesse sentido, Machado (2011) assevera que os gêneros discursivos invadem também as linguagens da comunicação, seja dos ritos ou das mediações tecnológicas. Propõe, ainda, que os gêneros discursivos sejam vistos sob o viés ontogenético e filogenético, sendo os primeiros materializados nas interações produzidas na esfera da comunicação verbal e os segundos expandidos para outras esferas da comunicação, em razão da dinâmica de outros códigos culturais. Nas palavras da autora, “exatamente porque surgem na esfera prosaica da linguagem, os gêneros discursivos incluem toda sorte de diálogos cotidianos, bem como enunciações da vida pública, institucional, artística, científica e filosófica” (Machado, 2012, p. 155).

É nessa tessitura de enunciações que assistir a uma videoaula youtubiana pode nos levar a caminhos outros, realocando nosso modo de “ler videologicamente”. Uma vez que o vídeo tradicional nos proporciona avançar ou retroceder seu conteúdo, saltar ou pausar cenas para uma reflexão, as videoaulas, estando inseridas no *YouTube*, passam a promover leituras outras em razão de sua acessibilidade a diferentes hipervídeos encontrados em sua plataforma.

Assim como um aluno, em uma sala de aula tradicional, pode dispersar-se, preocupando-se com enunciações paralelas àquela emitida pelo professor,

⁶ Expressão denominada por nós para referir-se ao Ensino Informal à Distância (EIaD) através de videoaulas inseridas em *sites* de “cultura participativa”, cujo objetivo é a disseminação de informações de maneira informal, sem vínculos acadêmicos.

⁷ Cultura participativa é um termo geralmente usado para descrever a aparente ligação entre tecnologias digitais mais acessíveis, conteúdo gerado por usuários e algum tipo de alteração nas relações de poder entre os segmentos de mercado da mídia e seus consumidores. A disponibilidade das tecnologias da Web 2.0 permitiu o crescimento das culturas participativas. No entanto, tendo em vista a teoria na qual estamos imersos, os estudos bakhtinianos do discurso, compreendemos a expressão “cultura participativa” como uma forma proporcionada pelas novas tecnologias em que o usuário não apenas consome informações, mas as produz também. Não estamos, pois, retratando o usuário (o outro), mesmo antes do apogeu das novas tecnologias, como um ser passivo e inexpressível, uma vez que a compreensão e responsividade é parte inerente da linguagem. Essa orientação para o outro – denominada de orientação social da comunicação discursiva – pressupõe que se leve em conta a interação sócio-hierárquica que permeia a relação entre os interlocutores. Logo, para apartar esse sinônimo de passividade, utilizaremos as aspas sempre que tal conceito for mencionado.

no *YouTube*, a continuidade das aulas pode também se perfazer de acordo com a atitude de seu “aluno-usuário”. Todavia, tais “hipervídeos youtubianos” podem levá-lo a conteúdos similares aos que estava procurando, bem como a assuntos diversificados, fazendo com que a leitura das videoaulas ali inseridas vaze as fronteiras da linearidade⁸, dando a possibilidade de o “aluno-usuário” fazer seu próprio roteiro de aula.

No que tange aos hipervídeos, devido aos avanços tecnológicos, barateamento da banda larga, bem como os distintos fenômenos internéticos, os vídeos tornam-se cada vez mais presentes no dia a dia das pessoas; logo, da mesma forma que os *hiperlinks* em um hipertexto proporcionam navegabilidade dentro do próprio texto e a outros documentos externos, o mesmo pode ocorrer para o hipervídeo, porém, não de uma forma estática⁹. O hipervídeo proporciona ao usuário não intervir no desdobramento daquele vídeo, mas no seu modo de leitura. Há a reestruturação do seu entendimento sobre o conteúdo impulsionado por suas próprias escolhas.

No entanto, fazendo alusão ao “hipervídeo youtubiano”, modo como o denominamos aqui, vemos que tais transições não se dão dentro do próprio vídeo, mas pela própria interface do *YouTube*, proporcionando, assim, acessibilidade a outros vídeos, de maneira a possibilitar também diversas formas de leitura, pois pode-se clicar em vídeos correlatos ao mesmo assunto ou, muitas vezes, devido à busca realizada, a outros vídeos encontrados pelo portal, mas que se diferem totalmente do conteúdo temático buscado.

Logo, essa utilização do “hipervídeo youtubiano” dá a habilidade de criar uma experiência não linear com esse tipo de mídia, definindo percursos e conteúdos outros a serem explorados. Com a autonomia para criar o próprio caminho de leitura, o “aluno-usuário” não necessita ficar restrito ao conteúdo presente em tais videoaulas, pois o modo de ler e escolher tais aulas é feito pelo próprio sujeito que as assiste.

Dentro da lógica da comunicação digital, a economia da atenção ganha aspectos novos em razão da condição proativa que tais tecnologias propiciam aos seus usuários. Viabilizadas pela não linearidade das redes, há,

hoje, interfaces que estimulam e facilitam a participação, assim como a projeção de leituras outras, possibilitando ao sujeito um novo tipo de interação através do novo meio que o introduz.

A postura desse “aluno-usuário” das videoaulas youtubianas, por estar associada a um tipo de ensino informal, converge para que este adote comportamentos variados, como a mescla de assuntos correlatos ou não. Pode, desse modo, optar por alternar a sequência das aulas, priorizando determinados assuntos em detrimento de outros, como pode também optar por assistir a outras aulas ou mesmo interromper “os estudos” com outros vídeos que não necessariamente versem sobre a escrita científica.

A plataforma do *YouTube* permite que se passe de um vídeo a outro, de modo que a atenção do sujeito fique, muitas vezes, dividida entre as videoaulas selecionadas e os distintos vídeos que ele pode escolher. Esse comportamento multifacetado por tal interatividade já faz parte desse canal, fazendo com que a economia da atenção por parte do “aluno-usuário” seja ampliada, devido ao elevado número de informações e vídeos disponibilizados.

É sabido que Bakhtin expandiu o dialogismo dos processos comunicativos para o campo dos gêneros discursivos, assim, encontrou “um excelente recurso para ‘radiografar’ o hibridismo, a heteroglossia e a pluralidade de sistemas de signos da cultura” (Machado, 2012, p. 153). Tendo isso em vista, Machado recorre aos dois tipos principais de gêneros levantados por Bakhtin: os primários e os secundários que, longe de serem excluídos, são complementares.

Em se tratando de videoaulas youtubianas, podemos perceber como, em tais ambientes, impera a hibridização discursiva, chamada de “letramento digital”. No entanto, se retomarmos os dizeres de Soares, letramento digital refere-se a

um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel (Soares, 2002, p. 151, grifos do autor).

⁸ A não linearidade é uma propriedade do mundo digital e tem o *hiperlink* como o principal elemento para a descontinuidade, ou seja, para a conexão entre dois pontos no espaço digital.

⁹ Cabe ressaltar aqui uma grande diferença entre hipertexto e hipervídeo. Enquanto o hipertexto apresenta vários *links* no mesmo espaço, podendo o leitor destinar-se a espaços outros dentro de tal texto, no hipervídeo, as possibilidades de associação aparecem e desaparecem à medida que as sequências são reproduzidas. Pode um *link* mudar de posição, além de aparecer e desaparecer durante a execução do vídeo, possibilitando ao usuário navegar dentro do vídeo ao clicar em ícones para acessar outros conteúdos.

Observando a citação apresentada, refletimos se a autora não está referindo-se somente à questão do texto verbal, sem considerar, por exemplo, que, desde a metade dos anos de 1990, as interfaces gráficas inseridas na internet já eram repletas de gráficos, diagramas, imagens, bem como vídeos. No entanto, no caso das videoaulas, não podemos isolar o seu caráter linguístico, mas caracterizá-las através da mescla de várias linguagens.

Como as videoaulas a que nos propomos analisar são produzidas através de um texto falado, mas previamente preparado para ser discursado, uma vez que, em sua produção, possibilitam regravações, figuras, gráficos, símbolos matemáticos, diagramas, cenários, vestuários, diferentes entonações, etc., todos povoados de vozes plurais, deparamo-nos com um enunciado digital carregado de distintas materialidades. Ainda, por dialogarem com a vertente da aula tradicional, as videoaulas youtubianas são engendradas de enunciados de apresentação, de explicação, de fechamento, etc., que, por estarem presentes nesse gênero, partilham significados também distintos. Ainda que possuam textos a serem discursados, quando o “professor-apresentador”, por exemplo, introduz determinado assunto, este nem sempre é proferido da forma como foi idealizado; logo, há momentos espontâneos que ocorrem em momentos imediatos de fala, podendo abarcar graus de “primariedade” diluídos na “secundariedade” desse determinado gênero.

Por se tratarem de videoaulas de escrita científica¹⁰ e por todas as materialidades já mencionadas, verificamos não ser um gênero do cotidiano, mas um gênero produzido na intersecção de distintas esferas e com finalidades definidas. Seu caráter, “tido como secundário”, é moldado por graus primários de enunciações que ocorrem no decorrer das aulas ministradas. Por esse motivo, tal questão de graus foi pensada em razão da dialogicidade nela presente como forma de contemplar os diversos momentos da aula (já que são esses que a constituem), e não simplesmente denominá-la estaticamente como simplesmente um gênero secundário. Este, no entanto, inaugura uma nova

maneira de formar e configurar informações, através de uma densidade de significados que se mescla entre o oral e o escrito, entre o verbal e o não verbal, construindo-se por similitudes e dessemelhanças advindas das múltiplas possibilidades propiciadas pelo som, pela imagem (visibilidade) e pelo discurso verbal.

A importância do suporte como forma de circulação

Considerando que a linguagem das videoaulas analisadas¹¹ é própria e está mediada pelas tecnologias da informação e comunicação. As aulas em vídeo dialogam com a produção de um programa televisivo e se pautam em um roteiro que obedece a critérios técnicos.

Conforme mencionado por Carneiro (2003, p. 98-99), as videoaulas são vistas como um “Programa de vídeo educativo, em que o professor apresentador emprega recursos visuais e sonoros para substituir o quadro-de-giz”, além de possuir “linguagem espontânea e coloquial, porém, mantendo as características intrínsecas à educação – como precisão e correção” (Timm *et al.*, 2003, p. 13). Contudo, tais videoaulas também adquirem finalidades outras, uma vez que carregam consigo um caráter mercadológico no qual se debruçam os professores que as apresentam para a venda de seus produtos e serviços.

No processo elaborativo das videoaulas, diferentemente do vídeo ou teleconferência, estas não permitem a interação dos estudantes em tempo real, não se desvinculando da exposição formal do ensino de maneira geral. No entanto, cabe ressaltar que, em função de as videoaulas as quais nos propomos analisar estarem imersas na internet, nela, podemos encontrar distintos fenômenos comunicativos advindos deste mundo contemporâneo.

O *Faça você mesmo* (do inglês “*Do It Yourself*”, emblema do *YouTube*), o qual determinou variados acon-

¹⁰ Dado que a escrita científica, segundo Grossmann (2015), é caracterizada como um fenômeno cultural, sendo sua organização condicionada pelas características culturais específicas, de modo a adequar-se ao contexto próprio da sociedade que as produziu, sua configuração não é simples, mas dotada de regras e normas científicas que ditam os modos de se dizer cientificamente. Logo, é um tipo de escrita envolta a um caráter mais complexo de se escrever.

¹¹ Estamos caracterizando singularmente a descrição das videoaulas, pois, como já vimos, devido às novas tecnologias instauradas com o advento da internet e a *web 2.0*, os gêneros são facilmente transmutados e adquirem suas próprias peculiaridades, como, por exemplo, os inúmeros vídeos e videoaulas produzidas pela chamada “cultura participativa”, segundo Jenkins (2009), a qual possibilitou a emergência de uma “inteligência coletiva”, trazendo uma profunda transformação tecnológica, mercadológica, cultural e social, de modo que os conteúdos de diferentes mídias estabeleçam conexões e circulem através de sistemas administrativos e limites territoriais distintos (Lévy, 1996).

tecimentos sociais, transfigura-se, hoje, através deste atual ambiente internético, pelo “Poste você mesmo”, ou pelo conhecido “Transmita-se” (do inglês “Broadcast”), como é vinculado pelo próprio *slogan* do *YouTube* (Burguess e Green, 2012). Sendo assim, essas novas relações espaço-sociais permitem aos indivíduos (usuários) visualizarem, ao longo deste tempo, certas modificações culturais nas sociedades, principalmente no que tange à circulação discursiva de discursos de ordens diversas, possibilitando o direito a respostas, perguntas, compartilhamentos (compreensões responsivas diversas) em *sites* de interatividade, como é o caso do *YouTube*.

Devido ao fato de o *YouTube* possibilitar a postagem de vídeos das mais diferentes naturezas, bem como de comentários sobre eles (ou mesmo outros vídeos), é possível percebermos uma nova forma de se ler: a leitura em vídeo. Com esse novo modo de leitura, tem-se a existência de um novo tipo de leitor criado em razão dessa cultura digital – um leitor ágil e interativo, que, diferentemente do leitor de um texto impresso, que se orienta através da sequência estabelecida pelas páginas de um jornal, manual ou livro, andarilha pelas telas de vídeos disponíveis nos canais que os suportam. Assim, esse novo sistema de leitura promove multissequências (através de um acesso não sequencial), possibilitando que o próprio “aluno-usuário” estabeleça conexões entre os vídeos por meio de saltos de um ao outro, de modo a propiciar que esse sujeito crie, dentro das possibilidades dadas, o arranjo informacional adequado.

Sites como o *YouTube*, além de abrigar mais de uma ferramenta de (re)construção de sentido – a saber, os distintos percursos de leitura em vídeo promovidos pela sua interface –, permitem também que se articulem diferentes mecanismos de expressão verbal e não verbal em sua estrutura composicional.

Segundo Abril (2008), é possível observar como o *YouTube* promove a disseminação de saberes individuais e coletivos, envolvendo-se na construção de condições e cenários espaço-temporais, bem como de instâncias reguladoras da vida social e institucional. Exemplos como este fazem-nos notar como as ciberculturas se inscrevem na escrita da história de uma maneira diferente, narrando, a partir de suas ferramentas de circulação discursiva, como também através de seu contexto sócio-histórico, distintas formas de reprodução dos saberes, que, no caso das video-

aulas que nos propomos analisar, são vistas segundo suas diferentes finalidades.

Podemos dizer que a existência de *sites* como o *YouTube* potencializa a capacidade de transformar práticas de ensino, como a aula presencial, por exemplo, em práticas instrutivo-comerciais, haja vista as videoaulas youtubianas, que, ao serem transformadas dialogicamente, em razão do seu acesso ilimitado ao outro (aos outros), podem adquirir outro potencial na construção dos sentidos.

Dito isso, as aulas inseridas nesse meio continuam sendo assíncronas, uma vez que os seus destinatários podem assisti-las em tempos distintos. Contudo, em razão da interatividade promovida por tal *site*, os usuários, após visualizá-las, podem inserir suas dúvidas, críticas e elogios às aulas, com a possibilidade de resposta de seu produtor. Diferentemente da videoaula tradicional, produzida em VHS, esta, em razão do suporte ao qual está vinculada, além de não permitir o contato com o professor de modo síncrono, também exclui a possibilidade de participação direta através de comentários entre os destinatários do vídeo, assim como concede as videoaulas youtubianas.

Devido a essa possibilidade participativa propiciada pelo *site*, podemos perceber que a sobreposição de vozes presentes nos comentários das videoaulas do *Youtube* pode agir de distintas maneiras. Pode, por um lado, construir um discurso de autoridade ao conteúdo ali apresentado, à medida que os comentários destilados corroboram a eficiência e a produtividade do curso exposto, produzindo certa monologização discursiva. Entretanto, pode também dar espaço a vozes dissonantes (vozes persuasivas) que criticam ou questionam aspectos da apresentação, seja com relação à sua estrutura, forma ou teor, provocando a variedade ativa do discurso bivocal entendida por duas categorias teóricas: polêmica aberta e polêmica velada¹², caracterizadas pela presença de vozes assimétricas no discurso.

Pautadas nesse tipo de construção, as vozes poderão então funcionar de diferentes maneiras: “algumas funcionarão como vozes de autoridade, já outras como vozes internamente persuasivas” (Bakhtin, 2005, p. 342). A palavra apresentada com caráter de autoridade prima por certo “reconhecimento e adesão incondicional”; já a palavra internamente persuasiva se posiciona aberta para mudanças. Sendo assim, quanto maior for a quantidade de vozes com características de autoridade, o discurso do sujeito se tornará mais monológico, “ao passo que, quanto

¹² Bakhtin (2005) descreve a polêmica velada como uma orientação discursiva voltada para o objeto referencial. É uma modalidade discursiva que se desdobra no discurso interior, mas não é vocalizada. Em relação à polêmica aberta, a orientação discursiva se caracteriza tendo em vista a fala refutável do outro, tomada como o próprio objeto referencial.

mais internamente persuasivas as vozes, mais galileana será sua consciência” (Faraco, 2009, p. 85).

No entanto, diante de tantas vozes que se fazem presente nesse “meio youtubiano”, proporcionadas pelas características desse tipo de suporte contemporâneo, um questionamento se desdobra: Por que uma videoaula de escrita científica, e não a análise de manuais, que versa sobre essa temática?

Para a resposta a essa pergunta, o suporte é elemento fundamental. A utilização de videoaulas youtubianas como forma de ensino e divulgação é decorrência dos novos modos de difusão do conhecimento na contemporaneidade (*web 2.0, 3.0...*). Assim, estas, além de promover comercialmente cursos, serviços ou produtos, também podem ser facilitadoras da aprendizagem, uma vez que compreender algo difícil por meio do visual-auditivo é mais fácil do que em um suporte impresso. Logo, para isso, o professor se coloca como apresentador, fazendo-se valer de inúmeros recursos, como montagens de cenário, aperfeiçoamento da postura vocálica, utilização de expressões discursivas típicas do discurso pedagógico, técnicas de *marketing*, constituição do seu *ethos* enunciativo, promoção da credibilidade, etc., possibilitando, desse modo, o ecoar de distintas vozes que se entremeiam nesse discurso.

Professores (e aqui ressaltamos não só essa classe, mas todos aqueles que buscam através da Internet meios para ensinar, instruir, divulgar, comercializar, etc.) têm se perguntado sobre estratégias adequadas para interagir (propagar, divulgar, persuadir, etc.) com uma geração de alunos (usuários) que tem acesso a modernos meios de comunicação inseridos na *web*. Historicamente, o centro do processo ensino-aprendizagem tradicional tem o seu cerne na atuação do professor e na concepção de transferência de conhecimento. Atualmente, veem-se inúmeras abordagens educacionais (e comerciais) baseadas em novas metodologias e nas relações experienciadas pelo desenvolvimento de novas tecnologias. Logo, ninguém pode contestar que, desde a emergência da cultura digital (anos de 1980 e 1990), estamos imersos, cada vez mais, em ambientes interativos, de natureza dialógica, pois, segundo os dizeres de Capurro (2013, p. 8),

A tecnologia digital, em geral, e a rede digital, que chamamos de internet, em particular, mediando o uso, por exemplo, da telefonia móvel e os tablets eletrônicos, assim como a grande quantidade de programas (apps) e de formas de comunicação e informação digitais, como são as redes sociais ou os blogs, têm alterado as possibilidades de interação de milhares de pessoas a nível

político, econômico, cultural, industrial e, sobretudo, no nível da vida diária.

Acentuando agora apenas os aspectos instrutivos-educacionais, nos dias atuais, é nítida a presença de uma geração de alunos com acesso a velozes e dinâmicos meios de comunicação, utilizando-se da Internet, já tão disseminada pelos espaços educacionais, dentro e fora da sala de aula. Em um artigo publicado pela Revista Tecnologia Educacional (Mota, 2010), foram projetadas as tendências para a educação brasileira nos próximos dez anos, estando nelas contempladas o papel da tecnologia e da inovação. De acordo com os dizeres do autor citado, o futuro sinaliza para uma educação flexível (aqui introduzimos também o Ensino Informal a Distância, através das videoaulas youtubianas), em oposição à crença de que as modalidades tradicionais, presencial e à distância, são separáveis, distintas, ou mesmo contrastantes.

Tomando-se como modelo as tecnologias de vídeo como recurso de ensino (e divulgação), a videoaula é capaz de integralizar múltiplas mídias e linguagens, com superposição de códigos e significações predominantemente audiovisuais, ancoradas no discurso narrado e escrito (Almeida, 2003; Pereira, 2007). Pautada, no entanto, nos moldes de uma aula expositiva, através de um ensino diretivo e tradicional, procedimento este amplamente utilizado pelos professores ao longo de toda a história da educação, o “professor-apresentador” expõe um conjunto de conhecimentos de modo que o “aluno-usuário” passe a reconhecer os tópicos mais importantes de tais ensinamentos e adquira habilidades para aprender sozinho.

Sendo o vídeo, até o final dos anos de 1970, uma tecnologia exclusiva das emissoras de televisão, passou, definitivamente, no final do século passado, para as mãos de indivíduos comuns, principalmente em razão da popularização da Internet e, de maneira particular, devido à gênese do *YouTube*, ao permitir que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. O baixo custo de filmadoras, máquinas digitais e *smartphones* conferiu a qualquer pessoa, através das possibilidades proporcionadas pela cibercultura, bem como pela *web 2.0*, a possibilidade de produzir e distribuir o próprio material audiovisual. No entanto, para a produção de videoaulas profissionais, faz-se necessário conhecimentos técnicos, capacitação adequada, custos e disponibilidade de tempo do professor para apropriar-se dessa ferramenta. É por esse motivo que podemos observar distinções entre as videoaulas youtubinas credenciadas, ou seja, produzidas por professores certificados a ministrá-las, geralmente

ligados a determinadas instituições de ensino, das não credenciadas, uma vez que são produzidas pela sociedade da informação e pela “cultura participativa”.

É, pois, nesse cenário, que se tem a pluralidade dos gêneros discursivos, uma vez que, segundo Bakhtin, os gêneros do discurso tendem a crescer à medida que se desenvolvem e se complexificam as esferas da práxis humana. Sendo assim, as videoaulas youtubianas fazem parte de um gênero híbrido (ou *continuum*), dado que, na rede, o discurso verbal entremeia-se com as formas das imagens fixas e em movimento, com as linguagens sonoras, com o ruído, com a oralidade, com a música, com os gestos, etc., multimidiaticamente.

Considerações finais

Nesse cenário digital, buscamos mostrar como os conceitos teóricos apreendidos pelo filósofo Mikhail Bakhtin e seu Círculo têm o seu lugar em ambientes modernos de aula, como é o caso das videoaulas youtubianas, podendo, assim, ser explorados de forma a servir de norte para o ensino, difusão e comercialização de informações.

É válido salientarmos também que, dentre os distintos conceitos bakhtinianos existentes, demos destaque aos de “gênero” e “esfera”, pois, conforme apresenta Barros (1996, p. 20), “influenciaram as principais orientações teóricas dos estudos sobre o texto e discurso”, reportando-se, no nosso caso, à materialidade dos textos sincréticos (auditivos, visuais e “videológicos”), bem como auxiliaram a reflexão sobre os possíveis graus existentes nesse tipo de gênero.

A evolução do conhecimento humano através das diversas áreas do saber e o decorrente reflexo dessa dinâmica evolutiva na sociedade contemporânea geraram novos comportamentos. A internet é fruto desse novo tempo e, hoje, posiciona-se como uma ferramenta que evoluiu largamente desde a sua criação, apresentando-nos a possibilidade de realizar múltiplas ações no espaço virtual. Desse modo, esta se instaurou como um dos elementos fulcrais que medeia e permite ação, interação e transmissão de inúmeros conhecimentos.

Esse outro “lugar” constitutivo do horizonte espacial da aula é agora promovido pelo espaço virtual ou ciberespaço. Esse “lugar” confere à aula um novo *status* de existência que possibilita a sua presença e acontecimento nesse meio, transformando-a em uma videoaula de En-

sino Informal a Distância. Através desse ensino virtual, as videoaulas, através de sua postagem no *YouTube*, assumem projeções novas de tempo e, sobretudo de espaço, pois, ao se desterritorializar, isto é, desvincular-se de uma realidade na qual o conhecimento era transmitido através de um modo físico-espacial (geográfica), passam, agora, a atualizar-se em qualquer lugar. Onde houver conexão à internet, qualquer “aluno-usuário” poderá acessar tal canal de arquivamento de vídeos em busca de distintas informações ou distrações. Assim, a aula (videoaula), quando virtualizada, passa a viver numa realidade ubíqua, metaespacial, ultrapassando os limites físicos que estariam impostos à aquisição de informações *in loco*, por exemplo.

É, logo, diante do surgimento de tantos novos gêneros, propiciados pelo desenvolvimento tecnológico, que, hoje, a teoria dialógica de Bakhtin torna-se um meio extremamente valioso e relevante de análise, pois, ao contemplarmos as videoaulas de escrita científica postadas no *YouTube*, podemos perceber como essa rede de informação e interação, nutrida por recursos semióticos, meios sincréticos (visual, verbal, auditivo, etc.) e hipervínculos, é um espaço privilegiado para aqueles que pretendem analisar os significados sociais dessa tecnológica ferramenta de trocas comunicacionais do tipo “poste você mesmo”.

Como tais materialidades se fazem presentes em aulas em vídeo, compartilhadas digitalmente, ao analisá-las, sob a perspectiva dialógica, faz-se importante lembrar que os estudos da linguagem não têm um fim absoluto, mas são involucrados de acordo com o surgimento de novos discursos, proporcionando, assim, o desmembrar de novas questões ancoradas no estudo dos signos, refratores e refletores de sentidos.

Referências

- ABRIL, N.G.P. 2008. El discurso multimodal en YouTube. *ALÉD 8, Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, 1:77-107.
- ALMEIDA, M.E. 2003. Educação a distância na Internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. *Educação e Pesquisa*, 29(2):327-340.
<https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000200010>
- ARAÚJO, A.D. 2002. Uma análise da polifonia discursiva em resenhas críticas acadêmicas. In: J.L. MEUER; D. MOTTA-ROTH (orgs.), *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino de linguagem*. Bauru, EDUSC, p. 141-158.

- BAKHTIN, M. 1997. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 415 p.
- BAKHTIN, M. 2005. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 3ª ed., Rio de Janeiro, Forense universitária, 239 p.
- BARROS, D.L.P. 1996. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: C.A. FARRACO; C. TEZZA; G. CASTRO (orgs.); B. BRAIT, *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba, Editora da UFPR, p. 21-42.
- BIBER, D. 1988. *Variation across speech and writing*. Cambridge, Cambridge University Press, 299 p.
<https://doi.org/10.1017/CBO9780511621024>
- BURGUESS, J.; GREEN, J. 2012. *You Tube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade*. São Paulo, Aleph, 239 p.
- CARNEIRO, V.L. 2003. Televisão, vídeo e interatividade em educação à distância: aproximação com o receptor-aprendiz. In: L. FIORENTINI; R. MORAES (orgs.), *Linguagens e interatividade na educação à distância*. Rio de Janeiro, DP&A, p. 75-110.
- CAPURRO, R. 2013. Dores e delícias da era digital. *Revista Cult*, Ano VII, no. 93, p. 5-13.
- FARACO, C.A. 2009. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba, Parábola, 168 p.
- GRILLO, S.V.C. 2010. Esfera e campo. In: B. BRAIT (org.), *Bakhtin: Outros Conceitos-Chave*. São Paulo, Contexto, p. 133-160.
- GROSSMANN, F. 2015. Por que e como as coisas mudam? Padronização e variação no campo do discurso científico. In: J.A. ASSIS; F. BOCH; F. RINCK (org.), *Letramento e formação universitária: formar para a escrita e pela escrita*. Campinas, Mercado de Letras, p. 97-128.
- JENKINS, H. 2009. *Cultura da convergência*. 2ª ed., São Paulo, Aleph, 428 p.
- LÉVY, P. 1996. *Cibercultura*. São Paulo, Ed. 34, 264 p.
- MACHADO, I. A. 2011. Os gêneros e o corpo do acabamento estético. In: B. BRAIT, (org.), *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. 3ª ed., Campinas, Editora da Unicamp, p. 131-148.
- MACHADO, I. 2012. Gêneros Discursivos. In: B. BRAIT (org.), *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo, Contexto, p. 151-166.
- MARCUSCHI, L.A. 2001. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo, Cortez, 133 p.
- MEDVIÉDEV, P.N. 2012. *O método formal nos estudos literários*. São Paulo, Contexto, 269 p.
- MOTA, R. 2010. Olhando para o futuro: visões da educação brasileira para os próximos dez anos. *Revista Tecnologia Educacional*, 39 (191):26-38.
- PAGANO, A.S. 2001. Gêneros híbridos. *FALE-UFMG*, 2:83-120.
- PEREIRA, A.T.C. *AVA - Ambientes virtuais de aprendizagem em diferentes contextos*. Rio de Janeiro, Editora Ciência Moderna Ltda, 232 p.
- PINHEIRO, N.F. 2002 A noção de gênero para análise de textos midiáticos. In: J.L. MEURER; D. MOTTA-ROTH (org.), *Gêneros textuais e prática discursiva: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru, EDUSC, p. 259-290.
- RODRIGUES, R.H. 2005. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: J.L. MEURER; A. BONINI; D. MOTTA-ROTH, *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo, Parábola Editorial, p. 152-183.
- SOARES, M. 2002. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação e Sociedade*, 23(81):143-160. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>. Acesso em: 10/12/2013.
- TIMM, M.I. et al. 2003. Tecnologia Educacional: mídia e suas linguagens. *Novas Tecnologias de Educação*, 1(1).
- TODOROV, T. 1980. *Os gêneros do discurso*. 1ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 333 p.
- TODOROV, T. 2010. *A Conquista da América: a questão do outro*. Rio de Janeiro, Martins Fontes, 387 p.
- VOLOSHINOV, V.N. 1981 [1930]. La structure de l'énoncé. In: T. TODOROV (org.), *Mikhail Bakhtine: Le principe dialogique*. Paris, Éditions du Seuil, p. 287-316.

Submetido: 03/03/2016

Aceito: 25/07/2016